

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

# A FESTA

21, 22  
OUT  
2016

(DA INSIGNIFICÂNCIA)

PAULO RIBEIRO  
DANÇA

© JOSÉ ALFREDO



**DANÇA**  
**21, 22 out**  
**A FESTA**  
**(DA INSIGNIFICÂNCIA)**  
**PAULO RIBEIRO**

**sexta e sábado, 21h**  
Sala Luis Miguel Cintra; m/6  
€12-€15 (com descontos €5-€10,50)  
Duração: 1h35m

Coreografia e direção: Paulo Ribeiro; Interpretação: Ana Jezabel, Filipa Peraltinha, Teresa Alves da Silva, Rosana Ribeiro, São Castro, Allan Falieri, André Cabral, António Cabrita, João Cardoso e Valter Fernandes; Música: Tom Zé, Matthew Shlomowitz e Ben Harper; Consultoria e direção musical: Miquel Bernat; Músicos ao vivo: Drumming Grupo de Percussão – Miquel Bernat e Miguel Moreira; Figurinos: José António Tenente; Desenho de luz: Nuno Meira; Produção: Companhia Paulo Ribeiro

Coprodução: Théâtre National De Chaillot; Les 2 Scènes – Scène Nationale de Besançon; Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest; Teatro Nacional São João e Teatro Viriato

Apoio: Câmara Municipal de Viseu  
Agradecimentos: Companhia Nacional de Bailado

*A Festa (da Insignificância)* estreou a 13 nov 2015 na Culturgest em Lisboa

**19 out**  
**quarta, 18h30**  
Jardim de Inverno  
Entrada livre (sujeita à lotação da sala)

**APRESENTAÇÃO DO LIVRO**  
**UMA COISA CONCRETA –**  
**COMPANHIA PAULO RIBEIRO**  
**20 ANOS DE HISTÓRIAS**

Apresentado por: Isabel Lucas, Luísa Roubaud, Maria De Assis Swinnerton, Paula Varanda, Paulo Ribeiro e Tiago Bartolomeu Costa

**DOCUMENTÁRIO**  
**A DANÇA DE PAULO RIBEIRO**  
**VISTA DO INTERIOR**  
ESTREIA

Apresentado por: Luísa Roubaud e Paulo Ribeiro

A Companhia Paulo Ribeiro celebra vinte anos [2015] e há neste percurso um movimento perpétuo de exploração de espaço, de conceitos, de dúvidas, de encontros, de desencontros, de surpresas, enfim, uma coreografia que soma todas as outras num espaço aberto delimitado apenas pela interioridade. Um mergulho no mais profundo de si próprio, com a vontade de encontrar o que de melhor se pode oferecer a quem decide partilhar esta aventura. Como diz Bergman, "sem um tu não pode haver um eu". É esta a beleza de todas as relações, em especial a da relação entre autor e público. Paulo Ribeiro



© JOSE ALFREDO

**Tempo feliz**  
Luísa Roubaud

"Preciso de voltar a sentir aquela coisa solar, de ser latino, de deixar-me embalar por instintos e sensações", recordava Paulo Ribeiro ter dito a Didier Deschamps, diretor do Teatro Nacional de Chaillot (Paris), um dos co-produtores da peça que vamos ver. Conversavam sobre a nova obra que, na altura o coreógrafo não o sabia, se chamaria *A Festa (da Insignificância)*. Andava, nessa ocasião, mergulhado no solitário processo criativo de *Sem um Tu não pode haver um Eu* (2013): dois anos imerso nas densas reflexões de Ingmar Bergman (1918-2007) compiladas na sua autobiografia (*A Lanterna Mágica*, 1987). Urgia passar à frente daquela etapa, palmilhada a

dissecar sentimentos e ideias, e encontrar um contrapeso para a carga existencial suportada pelo no seu corpo só, num palco despovoado, à beira do precipício.

Se coincidências existem, a data prevista para a estreia de *A Festa* seria a do 20º aniversário da Companhia Paulo Ribeiro. Vontade de mudança e um marco no tempo. Razões sobejas para comemorar.

Todas celebrações encerram dimensões ambíguas. O que festejamos? Nostalgicamente, o passado? O futuro, com suas expectativas e desassossegos? Gostarmos de gostar do gozo antecipado da comemoração? Somos participantes activos e por inteiro? Ou observadores resguardados? Conhecendo a ironia sarcástica com que Ribeiro (des)constrói seu temário das tragicomédias existenciais só poderiam ser estes os interstícios por onde enveredar.

Os meses de criação, entre o verão e o outono de 2015, foram tempos felizes. Ribeiro lembra-os como uma fase radiosa: o prazer de cada dia passado no estúdio era quase sensual. E, como de celebrar se trata, esta peça pede cumprimentos. Cuida-se do público com a satisfação de quem adora receber em casa; um júbilo partilhado, mesmo quando alguma nota mais obscura ensombra a cena, já que esta *Festa* não escapa à mordacidade do coreógrafo. Como quem diz: estamos em palco, mas esta nossa pseudo força é também uma fraqueza; a nossa vulnerabilidade é risível, estamos convosco. Ribeiro revisita aqui estratégias antes experimentadas em *Modo de Utilização* (1990-2014) ou em *Encantados de Servi-lo* (Nederlands Dans Theater, 1991). Para ele, a dança contemporânea e comunicação nunca foram antónimos.



## Brasilidades

Não é casualidade, ao fim de trinta anos a coreografar e de vinte à frente da Companhia, uma ênfase meridional inunda *A Festa (da Insignificância)* tornando esta, quiçá, a mais brasileira das peças de Ribeiro.

Há muito aguardava o momento certo para coreografar o langor tropical e as pitorescas derivas experimentalistas da música de Tom Zé. Desde os primeiros ensaios, o hedonismo do tema *Prazer Carnal* ou os enganos amorosos de *Bolero de Platão*, do cantautor brasileiro, insinuaram-se nos rituais de trabalho do grupo. Deram o corpo a um estado de alma e uma genética ao roteiro criativo. À distância discernimos, porém, a presença da Música Popular Brasileira (MPB) desde as suas coreografias iniciais: em *Meu Caro Amigo* (Stridanse, Lyon, 1984), era o movimento convulsivo e miudinho do intérprete a reverberar a cadência quase performativa do tom epistolar da letra de Chico Buarque; o chorinho brasileiro marcou *Modo de Utilização e Comédia Off* (2000, Ballet Gulbenkian); "o coração que também bate no peito dos desafinados" (Tom Jobim) fundiu-se, certo, ao balanço dos corpos, inventando uma língua franca a falar-nos da condição humana (*Desafinado*, Grupo Dançando com a Diferença, 2011); na memorável interpretação a solo de *Insensatez* (de novo Jobim!), intensíssimo momento de *Sem um tu não pode haver um eu*, Ribeiro colou, para sempre,

a imagem do menear seu corpo à mais intemporal das canções de amor.

Não é, portanto, uma surpresa, ver a MPB entrar pela sua dança adentro. Um traço, peculiar no panorama da dança nacional, a radicar num trajecto biográfico que, conscientemente ou não, também aqui se celebra. A adolescência passada no Brasil (1975) deixou vestígios indeléveis no roteiro pessoal: "...vivi a descoberta da MPB *in loco*; nas escolas de samba, nas favelas, nos encontros espontâneos, onde as pessoas tocavam e improvisavam, ou simplesmente estavam..." Depois, nos anos de Bruxelas (em finais dos anos 1970), o que o alegrava e mantinha vivo, naquele clima cinzento, era o sol contido na voz de Elis (Regina) e de Chico (Buarque). Vivências que o jovem coreógrafo expatriado trouxe consigo quando regressou ao país, em meados de 80, e aterrou na euforia ascensional da Nova Dança Portuguesa. As suas peças contrastavam com a criatividade grave de uma "dança nova" cuja ideia de futuro, como que replicando o ciclo do próprio país, rimava sobretudo com Estados Unidos e com Europa.

Ribeiro trazia o olhar do "português à solta" sobre uma portugalidade ainda a lidar com pudor traumático com as suas (outras) matrizes identitárias, orientadas (para dentro) e para Sul.

A dança de Ribeiro nunca deixou de ser, é certo, portuguesa e europeia. Encontraremos em *A Festa* um diversificado campo referencial a ecoar formas de estar das nossas sociedades. Mas esta dança, talvez assim a descrevesse Vinicius de Moraes, mesmo se a ensombra uma tristeza, é uma dança feliz.

Os mais supersticiosos terão dado conta de a estreia de *A Festa* (Novembro 2015) ter acontecido numa sexta-feira 13. No preciso dia e hora do triplo atentado em Paris. Em Dezembro próximo, a peça apresenta-se na cidade onde a ideia nasceu. O negrume que pairou sobre a estreia, se acentuou o significado da palavra insignificância, acabaria por revigorar a convicção de que, em tempos conturbados, urge continuar a celebrar a vida, dançando, porque o fim de cada dia é uma perda irreparável.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia

---

## NO SÃO LUIZ POSSO...

**Comprar um bilhete suspenso** Começa por ser uma forma de oferecer a quem não se conhece a oportunidade de assistir a um espetáculo no Teatro São Luiz. O bilhete custa 7 euros sendo o restante valor suportado pelo Teatro e fica suspenso na bilheteira para usufruto de pessoas apoiadas pelas entidades às quais o São Luiz se associa: Albergues Nocturnos de Lisboa, Associação Coração Amarelo, Associação Gulliver, Associação Sol. Lar Jorbalán, Fundação Luís António de Oliveira, Casa de Abrigo da APAV ou CMPL – Centro Hospital Psiquiátrico de Lisboa.

---

**São Luiz Teatro Municipal** – **Direção Artística** Aida Tavares **Direção executiva** Joaquim René **Programação Mais Novos** Susana Duarte **Adjunta direção executiva** Margarida Pacheco **Secretária de direção** Olga Santos **Direção de produção** Tiza Gonçalves (Diretora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias **Direção técnica** Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto) **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim **Maquinistas** António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira **Som** João Caldeira, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Responsável de manutenção e segurança** Ricardo Joaquim **Secretariado técnico** Sónia Rosa **Direção de cena** José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) **Direção de comunicação** Ana Pereira (Diretora), Elsa Barão, Nuno Santos **Relação com os públicos** Inês Almeida **Design gráfico** SilvaDesigners **Registo e edição vídeo** Tiago Fernandes **Bilheteira** Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho **Frente de casa** Letras & Partituras **Coordenação** Ana Luísa Andrade, Teresa Magalhães, Cristiano Varela **Assistentes de sala** Ana Catarina Bento, Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Carolina Serrão, Daniela Magalhães, João Cunha, João Pedro, Manuela Andrade, Raquel Pratas, Sara Fernandes, Gonçalo Cruz **Segurança** Securitas **Limpeza** Astrolimpia